

IMIGRAÇÃO DE MULHERES VENEZUELANAS EM BOA VISTA, RORAIMA: VÍNCULOS FAMILIARES E ECONÔMICOS COM A VENEZUELA¹

Alessandra Rufino Santos²

Este artigo discorre sobre o aumento de mulheres no movimento migratório de imigrantes de nacionalidade venezuelana em Boa Vista, capital de Roraima. Percebe-se que, nesse processo migratório, a participação masculina ainda é dominante e o projeto migratório muda a partir do gênero. Do ponto de vista feminino, este estudo, que contou com a participação de treze mulheres venezuelanas, destaca a emigração delas para o Brasil como um projeto familiar, que contempla tanto os membros da família que ficaram na Venezuela quanto os que também partiram para o Brasil.

Palavras-chave: Boa Vista; imigração; mulheres venezuelanas; projeto familiar; Venezuela.

IMMIGRATION OF VENEZUELAN WOMEN IN BOA VISTA, RORAIMA: FAMILY AND ECONOMIC WITH VENEZUELA

This article deals with the increase of women within the migratory movement of immigrants of Venezuelan nationality in Boa Vista, capital of Roraima. In this migratory process, male participation continues to be dominant and the migratory project changes according to gender. From the female point of view, this study that had the participation of thirteen Venezuelan women highlights their emigration to Brazil as a family project, which includes both family members who stayed in Venezuela and those who also went to Brazil.

Keywords: Boa Vista; immigration; Venezuelan women; family project; Venezuela.

INMIGRACIÓN DE MUJERES VENEZOLANAS EN BOA VISTA, RORAIMA: VÍNCULOS FAMILIARES Y ECONÓMICOS CON VENEZUELA

Este artículo trata sobre el aumento de mujeres em el movimiento migratorio de inmigrantes de nacionalidad venezolana en Boa Vista, capital de Roraima. Se puede observar que, en este proceso migratorio, la participación masculina sigue siendo dominante y el proyecto migratorio cambia en función del género. Desde el punto de vista femenino, este estudio, que contó con la participación de trece mujeres venezolanas, destaca la emigración de ellas hasta Brasil como un proyecto familiar, que incluye tanto a los familiares que se quedaron en Venezuela como a los que también se fueron a Brasil.

Palabras clave: Boa Vista; inmigración; mujeres venezolanas; proyecto familiar; Venezuela.

1. Segundo Abdelmalek Sayad, os dois tipos de movimentos, imigrar e emigrar, atendem à ordem nacional solidária entre si. Nesse sentido, para aquelas pessoas que ficam no território de origem, as que saem são emigrantes. Já a imigração seria a ausência dos que se vão. Por conta desse contexto, este artigo refere-se às mulheres venezuelanas como imigrantes, mas o estudo reconhece o que Sayad (1998) defende: o termo migrante pode ser usado para se referir ao indivíduo emigrante e imigrante.

2. Professora adjunta de história no curso de licenciatura em educação do campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR); e doutora e pós-doutora em sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8326-3492>. E-mail: alessarufino@gmail.com.

JEL: J15; R23.

DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/rtm35art16>

Data de envio do artigo: 30/10/2024. Data de aceite: 25/11/2024.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa de pós-doutorado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS),³ voltada para o racismo no atual contexto da imigração venezuelana nos estados de Roraima e do Rio Grande do Sul. Porém, neste artigo são retratadas especificamente as experiências migratórias individuais de mulheres venezuelanas no processo de emigração para a cidade de Boa Vista, capital de Roraima.

Antes de tratar do tema proposto neste estudo, cabe destacar que a história do território que hoje corresponde à República Bolivariana da Venezuela é marcada por uma turbulência política, pela instabilidade econômica e pela crise humanitária, responsáveis pelo maior deslocamento externo para países vizinhos na história recente da América Latina (Legler, Serbin Pont e Garelli Ríos, 2018).

O número estimado de pessoas que deixaram a Venezuela desde 2015 atingiu aproximadamente 6 milhões de pessoas, número que corresponde a 20% da população total da Venezuela, conforme explicam Góis e Silva (2021). O mais curioso, nesse contexto, é que durante todo o século XX a Venezuela recebeu um número expressivo de migrantes internacionais.

Os estudos de Caruso, Canon e Mueller (2021) e de Mazuera-Arias *et al.* (2020) chegaram à conclusão de que os venezuelanos se sentem compelidos a deixar seu país principalmente em virtude da falta generalizada de acesso a serviços básicos como alimentação e saúde e do futuro sombrio que veem para si próprios e suas famílias na Venezuela. Góis e Silva (2021) complementam que algumas opiniões responsabilizam o atual presidente, Nicolás Maduro, pela saída de venezuelanos para outros países. Neste caso, a mudança do regime político e, conseqüentemente, a substituição de presidente contribuiriam para que milhões de venezuelanos regressassem ao país de nascimento? Este questionamento reforça a complexidade desta migração.

Transformações no cotidiano das cidades da fronteira entre Brasil e Venezuela ocasionam-se do agravamento da crise venezuelana, com o aumento do fluxo imigratório de venezuelanos no Brasil. Esta realidade traz desafios econômicos, políticos e sociais ao estado de Roraima e regiões próximas (Santos, 2018).

3. A pesquisa contou com a supervisão do professor doutor Karl Martin Monsma.

Inicialmente, a presença venezuelana em Roraima estava restrita a Pacaraima. No entanto, a partir de 2015, os imigrantes venezuelanos passaram a residir na capital de Roraima, a cidade de Boa Vista, considerada uma extensão da fronteira entre o Brasil e a Venezuela por ser a capital mais próxima das cidades fronteiriças Pacaraima (do lado do Brasil) e Santa Elena de Uairén (do lado da Venezuela).

Atualmente, o estado de Roraima possui um pouco mais de 600 mil habitantes e considera a chegada dos venezuelanos como causa humanitária. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF),⁴ 568 mil venezuelanos entraram no Brasil entre 2015 e junho de 2024. Nesse contexto, o governo brasileiro, tanto em esfera federal quanto estadual, passou a prestar auxílio aos imigrantes venezuelanos, com disponibilização de abrigos, atendimento médico e alimentação. Todas essas medidas são de caráter emergencial e provisório, indicando que a situação dos venezuelanos em Roraima demorará a ser normalizada.

Ainda sobre essa questão, a mídia roraimense tem divulgado constantemente que refugiados venezuelanos mudam de carreira para conseguir emprego em Roraima, tendo em vista que, sem opções de trabalho, muitos se veem obrigados a mudar de profissão para arranjar emprego no Brasil e ajudar os familiares que continuam no país fronteiriço ao estado (Santos, 2018).

O que acontece, nesse cenário, é que o movimento migratório de venezuelanos em Roraima configura-se nos princípios de sobrevivência. Isso quer dizer que, por Roraima ser o estado com a menor população absoluta do Brasil, o movimento migratório em massa de venezuelanos passou a ser bastante significativo em termos numéricos e não foi comportado pela estrutura física das cidades de Pacaraima e Boa Vista, que é incipiente quando comparada à estrutura física de outras cidades brasileiras.

Acerca desse aspecto, devemos levar em consideração que o aumento constante de demanda da imigração venezuelana em Roraima resultou na adoção de medidas para o controle e a permanência de venezuelanos na região. Um dos caminhos foi o processo de interiorização dos venezuelanos, que começou em abril de 2018, organizado pela Casa Civil da Presidência da República e a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR).

O principal objetivo do processo de interiorização é oferecer mais oportunidades de inserção socioeconômica aos imigrantes venezuelanos e diminuir a pressão sobre os serviços públicos de Roraima. Até novembro de 2024, cerca de 143.062 venezuelanos foram levados pelo programa federal para 29 cidades brasileiras, entre as quais estão Manaus, São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e Curitiba.⁵

4. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>.

5. Disponível em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/>. Acesso em: 5 jan. 2025.

O indicativo do potencial de reflexão proposto até aqui reconhece que a perspectiva de gênero tem sido importante nos estudos da imigração venezuelana no estado de Roraima, embora grande parte dos estudos voltados para a imigração venezuelana no Brasil mostre quase sempre o lado masculino dessa imigração. Entre esses estudos, ganham destaque as dissertações do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira da Universidade Federal de Roraima (PPGSOF/UFRR).

Sob essa ótica é que apresentamos a visão de Sertório e Santos (2010) acerca de gênero no contexto das migrações. Para as autoras, o gênero corresponde a um princípio classificatório que atravessa o movimento migratório e, juntamente com outras categorias como classe, geração e etnia, configura as oportunidades de mulheres e homens migrantes. Como consequência, o processo migratório torna-se, muitas vezes, um elemento fundamental para a rearticulação das relações familiares e de gênero.

A visão de Sertório e Santos (2010) contribui para contextualizarmos os aspectos da questão de gênero na imigração venezuelana em Roraima. Desde 2015, quando o Brasil passou a receber um número maior de imigrantes venezuelanos, a mulher venezuelana era quase sempre somente uma companheira do homem no processo migratório, sem autonomia. Ou seja, a imigração masculina determinou as tendências teóricas, limitando a visibilização das mulheres, sobretudo como cônjuge.

No entanto, Nóbrega (2021) percebeu a existência de uma feminização da imigração venezuelana no estado de Roraima entre 2019 e 2020, embora esta imigração continue sendo predominantemente masculina. Sobre isso, cabe observar que “os empregos que mais cresceram no Brasil foram os empregos domésticos, de vendedor ambulante, e o setor ligado a asseio e serviços de limpeza” (Canella, 2020, p. 169). Em Roraima, muitas mulheres venezuelanas trabalham em ocupações ligadas à limpeza, como diarista, faxineira e auxiliar de serviços gerais (Santos, 2022).

Cabe observar que o aumento do número de mulheres imigrantes venezuelanas em Roraima reflete as mudanças do papel da mulher em muitas sociedades em decorrência da sua inserção no mercado de trabalho e dos avanços no processo de emancipação. Partindo desse pressuposto, passou-se “a utilizar sempre com maior frequência a expressão ‘feminização das migrações’ para designar, de forma genérica, as mudanças que, nas últimas décadas, envolveram as mulheres no contexto migratório” (Marinucci, 2007, p. 1). Para o mesmo autor, “a feminização pode ser interpretada como aumento numérico das mulheres migrantes, como mudança dos critérios analíticos do fenômeno migratório mediante a inclusão do enfoque de gênero e/ou como transformação do perfil da mulher migrante” (*idem, ibidem*).

Esse cenário possibilita que este estudo recorra a Peres e Baeninger (2011) para apontar que as teorias da migração avançaram a fim de compreender as experiências das mulheres imigrantes no âmbito da família e do trabalho, por exemplo. A integração e participação mais igualitária das mulheres imigrantes na família e no mercado de trabalho são pontos importantes para se pensar as interseccionalidades presentes em constantes mudanças, sejam por papéis de gênero, das redes estratégicas de migração e da inserção em mercados de trabalho associados à função dos imigrantes. Complementando este pensamento, Lisboa (2007) diz que quando se pensa em seguimento feminino essas estruturas causam profundas transformações.

O pensamento de Lisboa (2007) evidencia a importância da perspectiva de gênero nas migrações, o que proporciona levar em consideração que os fatores que originam e estimulam a dinâmica migratória de homens e mulheres são distintos. Guest (1993) afirma que a migração feminina é condicionada por relações de gênero, que variam, entre outros aspectos, segundo a idade da mulher e sua posição no ciclo de vida. Isso quer dizer que, nas sociedades tradicionais, as mulheres mais jovens permanecem na casa dos pais até se casarem, ajudando nos afazeres domésticos. Após o casamento, vão viver com os maridos, cuidar dos filhos e dos pais idosos. Caso fiquem viúvas, podem mudar para perto dos filhos em busca de suporte. Nesta perspectiva, a mulher torna-se invisível no que se refere à especificidade da experiência migratória.

Marinucci (2007) demonstra que a invisibilidade da mulher no processo migratório pode ser compreendida pela ótica economicista e trabalhista, principalmente quando a justificativa para este fenômeno se encontra nos mercados de trabalho. Segundo as teorias neoclássicas e as estruturalistas, o ato decisório de migrar no contexto capitalista, de um modo geral, é realizado basicamente pelo trabalhador homem. Neste caso, as mulheres ocupam apenas um papel passivo e dependente como mães e esposas, realidade não significativa para a compreensão geral do fenômeno migratório. Neste ponto, Marinucci (2007, p. 6) evidencia que “mesmo quando era suficientemente visível, a migração de mulheres era menos-prezada por ser considerada simples variável do padrão migratório masculino”.

Para os objetivos deste artigo, as mulheres venezuelanas no Brasil se inserem em um mercado de trabalho que é segmentado por gênero, classe e raça. Especificamente no que diz respeito ao gênero, este estudo o analisa como um princípio que está presente no movimento migratório por configurar as oportunidades de mulheres e homens migrantes (Assis, 2007). Entretanto, como já exposto por Marinucci (2007), as composições migratórias são marcadas pela feminização, que está relacionada com a condição da mulher reinterpretada “subjugada nas relações de dominação de gênero” (Novellino, 2004, p. 76).

No âmbito de categoria de análise, a feminização da migração é dotada de elementos importantes para a compreensão da dinâmica migratória de mulheres venezuelanas em Roraima. Os estudos de Sassen (2003) observam que a feminização da migração no contexto de fronteira deve ser compreendida pelo viés da economia informal, que é marcada pela flexibilização e pela desregulamentação da força de trabalho. Consequentemente, são criadas as condições para absorver a mão de obra feminina no cenário da migração, possibilitando uma ruptura com os padrões das sociedades patriarcais, que deixam a mulher, muitas vezes, em uma situação inferior ao homem.

No caso da imigração venezuelana em Boa Vista, por exemplo, embora a maioria das pessoas migrantes economicamente ativas no Brasil, independentemente do gênero, exercesse atividades no mercado de trabalho informal por encontrar algumas barreiras relacionadas ao idioma e dificuldades em validar os documentos escolares, os homens, geralmente, trabalham no setor do comércio, na construção civil e na área de serviços gerais, enquanto as mulheres desempenham atividades, quase sempre, no serviço doméstico.

Dada essa situação, a emigração das mulheres venezuelanas para a capital de Roraima associa-se a algumas características das condições de vida que possuíam na Venezuela com a realidade masculina, em que homens e mulheres foram motivados a migrar para o Brasil pelos impactos, principalmente, na economia, como a falta de oportunidade de trabalho, salário insuficiente, falta de comida e de medicamentos. Entre outros motivos, também ganham destaque, entre as mulheres, o divórcio ou separação e a busca por mais autonomia no país de destino.

A complexidade dessa situação contribui para que este estudo tome como referência o entendimento de que a migração internacional é uma estratégia econômica que os homens e as mulheres de nacionalidade venezuelana encontram para resolver, parcialmente, as dificuldades econômicas da família – composta quase sempre por crianças e idosos – que permanece na Venezuela. Por este motivo, adotamos uma postura teórico-metodológica que compreenda a migração internacional como um processo social, e as mulheres venezuelanas, residentes em Boa Vista, são agentes desse processo. Com a contribuição da sociologia histórica, o processo migratório delas para o Brasil é analisado como um acontecimento histórico, “que atinge os(as) que partem e os(as) que ficam” (Silva, 1999, p. 58).

Essas reflexões são ferramentas importantes para justificar o motivo de este trabalho se referir às mulheres venezuelanas como imigrantes e não como refugiadas. Das treze mulheres entrevistadas, somente uma morou em um abrigo na cidade de Boa Vista, mas não solicitou refúgio e não morava mais no abrigo quando concedeu a entrevista. Na verdade, todas as entrevistadas possuíam autorização

de residência temporária e se identificaram como imigrantes por acreditar que as pessoas nas condições de refúgio estão em uma situação perigosa e não possuem responsabilidades econômicas com o Estado brasileiro por não serem submetidas a encargos, taxas e impostos de qualquer espécie.

Sob esse ponto de vista, fica claro para as mulheres venezuelanas, colaboradoras deste estudo, que a condição de refugiado(a) no Brasil acarreta experiências de estigmatização. Mesmo recebendo o amparo jurídico do Estado brasileiro, a pessoa refugiada sofre algum tipo de discriminação até mesmo de pessoas da própria nacionalidade. Diante do exposto, levantam-se as seguintes questões: qual papel as imigrantes venezuelanas desempenham no funcionalismo social e econômico da sociedade brasileira e na sociedade venezuelana? Quais são as trajetórias de migração dessas mulheres?

Visando encontrar respostas para as questões que foram apresentadas, este artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução e das considerações finais. A segunda seção trata das questões metodológicas da pesquisa. A terceira aborda as causas da emigração de mulheres venezuelanas para Roraima. A quarta expõe características da chegada dessas mulheres em Boa Vista. A quinta seção traz reflexões sobre as contribuições da sociologia histórica com a finalidade de fundamentar o estudo na perspectiva teórica. Por fim, a sexta seção destaca a conexão entre Boa Vista e a Venezuela, mediante o envio de dinheiro que as mulheres venezuelanas fazem para os membros da família que continuam na Venezuela.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo, que tem como marco temporal o período de 2015 a 2021, adotou o enfoque qualitativo por meio da história oral e baseou-se também em pesquisas bibliográficas acerca da temática. A escolha pela história oral justifica-se pela valorização do relato das treze mulheres venezuelanas que foram entrevistadas, de modo presencial, entre os meses de setembro e outubro de 2021, o que possibilitou perceber a migração internacional como um processo que atinge os agentes sociais, mediante suas ações e comportamentos (Brzozowski, 2012). No quadro 1, são detalhados os perfis gerais das participantes. Os nomes reais foram modificados para preservar suas identidades.

QUADRO 1
Perfil das mulheres entrevistadas, residentes em Boa Vista, Roraima

Nome	Lugar de origem (Venezuela)	Idade	Filhos	Escolaridade	Profissão na Venezuela	Profissão no Brasil
Floreça	Maturín, Monagas	42	1	Ensino médio completo	Comerciante	Faxineira/vendedora de roupas
Eucarina	Ciudad Bolívar, Bolívar	40	2	Técnico superior universitário em enfermagem	Enfermeira	Faxineira/cuidadora de idosos e pessoas especiais
Yocelin	Tucupita, Delta Maduro	35	0	Técnico superior universitário em educação integrada	Professora	Faxineira/intérprete em uma ONG
Rachel	Barcelona, Anzoátegui	41	4	Ensino médio completo	Dona de casa	Faxineira
Johanny	Trujillo, Trujillo	47	5	Ensino médio completo	Dona de casa	Faxineira
Raiza	Maracaibo, Zulia	23	2	Ensino fundamental incompleto	Dona de casa	Dona de casa/vendedora de bolos e salgados
Valeria	Puerto la Cruz, Anzoátegui	33	1	Técnico superior universitário em administração	Administradora	Faxineira
Mariam	Maracay, Aragua	35	1	Técnico superior universitário em educação integrada	Professora/ramo do embelezamento	Ramo do embelezamento/assistente administrativo em uma ONG
Keila	Puerto Ayacucho, Amazonas	39	3	Ensino médio completo	Caixa de supermercado	Vendedora na feira/caixa de supermercado
Elizabeth	Barinas, Barinas	37	0	Técnico superior universitário em educação integrada	Professora	Faxineira/empregada doméstica e babá
Evelin	Caracas, Caracas	34	1	Licenciada em letras	Professora	Vendedora em uma lanchonete
Liz	Mérida, Mérida	24	2	Ensino médio completo	Estudante	Faxineira
Idania	Cunamá, Sucre	37	2	Técnico em educação	Assistente de aluno	Faxineira

Elaboração da autora.

Obs.: ONG – organização não governamental.

De acordo com o perfil das mulheres imigrantes venezuelanas, residentes na cidade de Boa Vista, apresentado pelo quadro 1, nove das treze mulheres que contribuíram com a pesquisa desempenham atividades como faxineiras para famílias brasileiras. Este trabalho é só um exemplo de atividades não qualificadas a que as imigrantes venezuelanas são submetidas, caracterizado pela extensa carga horária, pelo pagamento de diária que varia entre R\$ 50 e R\$ 100, e sem direitos trabalhistas. Mas, para elas, essa atividade é fundamental para o envio de remessas aos familiares que estão no país de origem.

É necessário expor que essa investigação foi avaliada e recebeu a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Roraima

(UFRR),⁶ por meio do Protocolo CAAE⁷ nº 47401621.0.0000.5302, que teve o parecer substanciado emitido em 1º de setembro de 2021. Do mesmo modo, respeitou a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), visto que todas as mulheres venezuelanas que participaram da pesquisa foram convidadas a ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), redigido em espanhol. Por essa circunstância, antes de cada sessão de gravação das entrevistas, foram explicados os objetivos da pesquisa para as entrevistadas, e no final cada participante teve o direito de guardar consigo uma via do TCLE. Logo, por motivo de sigilo, os nomes das mulheres entrevistadas são fictícios.

Como aparato metodológico na abordagem de trajetória das imigrantes venezuelanas, a história oral (Thompson, 1998; Portelli, 2010) figura como um caminho de análise das memórias dessas mulheres que, ao narrarem suas vivências e memórias, ressignificam suas histórias. Por conta dessa característica, a coleta de dados, de modo presencial, seguiu todos os protocolos de proteção contra a covid-19 e ocorreu por meio da aplicação da metodologia da entrevista semiestruturada em profundidade. Os primeiros contatos com essas imigrantes foram feitos pela amostragem nomeada como bola de neve, com mulheres informantes-chaves, por intermédio da indicação de pessoas conhecidas. Em seguida, foi solicitado que as informantes-chaves indicassem novos contatos com as características desejadas a partir da sua rede pessoal, e assim sucessivamente.

É importante contextualizar que o recorte para a seleção das mulheres venezuelanas para participar da pesquisa foi a condição de que elas estivessem vivendo no Brasil há, pelo menos, seis meses. Esse critério foi estabelecido por conta do pensamento de que o tempo mínimo de seis meses de moradia em um país contribui para que o(a) imigrante tenha percepções, mesmo que iniciais, sobre a vida no novo país (Dornelas, 2020). Outro critério estabelecido no estudo foi a seleção de mulheres venezuelanas que emigraram sozinhas, de maneira independente, na condição de separadas ou solteiras, e de mulheres que deixaram a Venezuela com os filhos, com a ajuda financeira enviada pelos esposos que já estavam residindo em Boa Vista.

As entrevistas seguiram um roteiro com questões abertas em duas línguas (português e espanhol), de modo que as narrativas buscaram evidenciar as motivações, os percursos das imigrantes venezuelanas, o cotidiano dessas pessoas nos lugares de destino e o contato que elas mantêm com a família que vive na Venezuela. Para a realização das entrevistas, o roteiro desenvolvido seguiu cinquenta perguntas, entre as quais se destacam: De que lugar você vem da Venezuela?

6. O projeto de pesquisa intitulado O Racismo no Atual Contexto da Imigração Venezuelana em Roraima e no Rio Grande do Sul foi encaminhado para a avaliação do CEP/UFRR em razão de a autora deste artigo ser professora de magistério superior nesta instituição.

7. Certificado de Apresentação de Apreciação Ética.

Há quanto tempo você vive em Roraima? Você gosta de morar no Brasil/Roraima? O que você lembra do processo de deslocamento que passou para chegar até o Brasil? Você conhece a Operação Acolhida? Como era a sua vida e da sua família na Venezuela antes da atual crise política e econômica do país? Como ficou após a crise? O que mais você tem saudade da Venezuela? Qual imagem você tinha sobre o Brasil/Roraima quando vivia na Venezuela? Hoje, o que significa para você ter emigrado para o Brasil/Roraima? Qual a maior dificuldade que você enfrentou quando chegou em Roraima? Você exerce alguma atividade profissional? Se sim, é a mesma atividade profissional que exercia na Venezuela? Para você, quem são os venezuelanos? Como você descreve o homem venezuelano? Como você descreve a mulher venezuelana? O que é ser homem imigrante venezuelano no Brasil? O que é ser mulher venezuelana no Brasil? Na sua opinião, a imigração é um fenômeno mais de homens ou mais de mulheres?

No cerne da pesquisa de narrativa e história de vida está o propósito de compreender e aprender, em especial que pesquisador e participante aprendam reciprocamente. Sendo assim, o objetivo de análise das narrativas, que foram coletadas, é mostrar como as imigrantes venezuelanas compreendem a sua experiência vivida e como a narração desta experiência lhes dá condições de interpretar o mundo social e sua atuação dentro dele. Não se trata de revelar a “verdade” dos relatos. O enfoque da análise dos dados coletados foi determinado pelas questões da pesquisa e pela influência dos contextos socioculturais, históricos e políticos no modo de se narrar (Cortazzi, 1993).

Finalmente, outro ponto a destacar nesse contexto é o fato de que na transcrição e análise das memórias orais, o estudo deu importância a comparações, complementações e confrontos das situações, bem como a experiências e temas comuns que foram relatados pelas fontes orais, sempre em diálogo com a bibliografia temática, no sentido de compreender e conceber a história a partir da experiência vivida pelo sujeito, que são as imigrantes venezuelanas (Alberti, 2004).

3 AS CAUSAS DA EMIGRAÇÃO DE MULHERES VENEZUELANAS PARA RORAIMA

A presença de mulheres venezuelanas em Boa Vista acompanha um debate em torno dos números significativos que a imigração venezuelana passou a produzir no Brasil “a partir de 2015, com pico de entrada no país em 2017, ultrapassando vinte mil ingressos” (Schwinn e Portela, 2018, p. 3). O Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR) e a agência da Organização das Nações Unidas (ONU) apresentaram um levantamento baseado na estimativa de que até o fim de 2019 cerca de 4,7 milhões de pessoas deixaram a Venezuela motivadas pela crise econômica, social e política (Silva, 2020). Embora esses órgãos não apresentem um recorte temporal, Silva (2020) diz que a emigração venezuelana passou a acontecer

por volta de 2014, um ano após a posse do atual presidente Nicolás Maduro, sucessor de Hugo Chávez. Este fenômeno migratório representa o maior deslocamento de pessoas na história da América Latina. De acordo com o ACNUR, o Brasil é o quarto destino mais procurado por imigrantes venezuelanos(as), sendo a Colômbia o principal (ACNUR, 2019).

É importante observar que antes da existência do cenário que foi apresentado, a Venezuela sempre foi um país de recepção de imigrantes, possibilitando a empregabilidade e riqueza com a exploração do petróleo (Silva, 2020). Para Silva (2017), essa situação sofreu mudanças no início da década de 1980, em decorrência das suas crises econômica, social e de deterioração institucional, as quais se agravaram na década seguinte, acarretando o movimento de retorno de tais imigrantes e motivando também o processo de emigração dos nacionais venezuelanos (Freitez, 2011).

Com essa crise econômica e social, que marcou as décadas de 1980 e 1990, a capacidade de atração de imigrantes para a Venezuela, sobretudo dos países da América Latina, foi alterada. Silva (2017) mostra que isso reduziu as dinâmicas migratórias associadas ao desempenho de atividades de trabalho vinculadas ao setor petrolífero e de matriz urbana. Consequentemente, Freitez (2011) e Páez (2015) expõem que desde o final da década de 1990 até 2014 aproximadamente 1 milhão de venezuelanos deixaram seu país motivados pelas crises econômica e social rumo a países europeus ou aos Estados Unidos.

Não bastando tudo isso, a morte de Hugo Chávez, em 2013, estimulou uma tensão política motivada pela disputa à sucessão. Diante dessa afirmação, Silva (2017) explica que essa tensão política prejudicou ainda mais a economia, que já se encontrava fragilizada. Como consequência, ocorreu uma crise de abastecimento de produtos básicos em parte das cidades venezuelanas, motivando a ida de muitas pessoas para as cidades fronteiriças do país, onde a falta de produtos alimentícios aconteceu somente depois, precisamente a partir de 2016. Atrelado a esse contexto, passou a acontecer uma hiperinflação em 2022, de forma mais grave devido à dolarização da economia venezuelana (Sequín, 2022). Esse contexto se mantém em 2024.

Em sete anos consecutivos de recessão, a Venezuela viu seu produto interno bruto (PIB) despencar por volta de 80%. Isso é resultado da consolidação do petróleo como força motriz da economia venezuelana no século XX, “que gerou uma burguesia rentista intrinsecamente ligada ao poder político, sendo este uma peça fundamental para o entendimento dos desafios da Venezuela no século XXI” (Pedroso, 2020, p. 9). Diante desse cenário, Pedroso (2020) compartilha que ocorreu a destruição do setor agrário e, portanto, da capacidade nacional de produção de alimentos. Esta situação contribuiu para que, cem anos depois, a

Venezuela “vivesse uma séria falta de soberania alimentar, que compõe um dos vértices mais dramáticos da crise instaurada desde 2013” (Pedroso, 2020, p. 21).

Sequín (2022) reforça que esses acontecimentos corroboram a instauração de uma grave e generalizada situação de violação de direitos humanos do povo venezuelano, além dos direitos econômicos, sociais e culturais. Além disso, ganha destaque a desvalorização da moeda do país – bolívar. Neste caso, a dolarização foi classificada como válvula de escape pelo próprio presidente Nicolás Maduro. Apesar disso, a inflação ainda se encontra de forma intensa (Sequín, 2022). Essa realidade continua motivando a emigração de venezuelanos(as) para outros países da América Latina, incluindo o Brasil.

Diante dos vários estudos e relatos produzidos sobre a imigração venezuelana no Brasil até o momento, este estudo chama mais uma vez a atenção para a importância da questão de gênero, especialmente após os depoimentos coletados das mulheres venezuelanas no trabalho de campo em Boa Vista. As depoentes enfatizaram o sentimento de incerteza e ao mesmo tempo libertação, mesmo com as dificuldades encontradas no decorrer do deslocamento até o Brasil. Em suas falas, consideraram o passado a partir de uma revalorização de si mesmas e do desejo de uma autorrealização.

Em suas falas, na verdade, o processo migratório significa uma possibilidade de fugir da pobreza na Venezuela e das dificuldades de conseguir emprego com um salário digno em seu país de origem. Temos como exemplo o caso de Florença,⁸ de 42 anos, natural da cidade de Maturín, que chegou ao Brasil em 2018. Seu depoimento, a seguir, mostra o que a migração pensada no sentido de emigrar – saída do país de origem – e de imigrar – chegada no país de destino – representa no decorrer de sua trajetória no Brasil.

Migrar para o Brasil me ofereceu recursos financeiros para me manter aqui e também para ajudar meu filho, que está vivendo com o pai na Venezuela (...). Ele tem 10 anos e quero dar para ele todo o conforto possível e quem sabe um dia, quando as coisas melhorarem para mim aqui em Boa Vista, trazer ele para morar comigo. O problema é que me separei do pai dele e não sei se ele vai deixar eu trazer meu filho para o Brasil (entrevista concedida em 3 de setembro de 2021, tradução nossa).

No caso da venezuelana Florença, fica claro que o cenário migratório apresentado por ela é marcado pela busca de autonomia. Sendo assim, a autonomia significa a capacidade de agir e decidir sobre suas vidas, mesmo em uma situação em que possuem companheiros. Como se pode perceber, a autonomia representa empoderamento (Batliwala, 1997) para as imigrantes venezuelanas, que buscam alcançar a independência econômica no desejo por melhor qualidade de vida e libertação dos paradigmas de uma sociedade paternalista na Venezuela.

8. Nome fictício.

4 A CHEGADA EM BOA VISTA

A presença de mulheres venezuelanas na cidade de Boa Vista assume características próprias, relacionadas a um papel ativo e determinante que exercem. Do ponto de vista sociológico, é importante perceber que emigrando sozinhas, mesmo sendo casadas, ou como chefes de família, elas quebram o paradigma da mulher passiva, que espera ou segue um homem ou a família. Neste ponto, observando a relação entre casais venezuelanos, temos o depoimento de Eucarina,⁹ 40 anos, natural de Ciudad Bolívar. Esse depoimento é bem significativo porque se verifica também em outras narrativas de mulheres venezuelanas entrevistadas, quando foram questionadas sobre a permanência dos maridos na Venezuela.

Moro em Boa Vista desde 2019 (...). O que me motivou a sair da Venezuela com as minhas duas filhas, que são crianças, é que não aguentava mais não ter comida para dar para elas (...). Um dia, chamei meu marido para sairmos da Venezuela. Ele disse que não iria trair a nação. Por isso, ele permaneceria lá na Venezuela e está lá até hoje. Ele não quer vir para o Brasil de jeito nenhum (...). Eu tenho vontade de ir para outro estado do Brasil para conseguir um emprego melhor, na área da enfermagem, que é a minha área de formação. Só que aqui em Roraima estou mais próxima do meu país. Na Venezuela, tenho minha mãe e meu marido. Sempre que posso, mando dinheiro para eles (...). A situação na Venezuela não está fácil do ponto de vista econômico, por isso que no momento não penso em voltar para a Venezuela, mesmo passando por dificuldades aqui em Boa Vista junto com as minhas filhas (entrevista concedida em 2 de setembro de 2021, tradução nossa).

Sob essas condições apresentadas por Eucarina, é possível afirmar que sua trajetória migratória até a cidade de Boa Vista faz parte do que Páez e Penalver (2017) chamam de migração do desespero por ser motivada pela insegurança, desesperança política, alta da inflação, crescimento da violência e da repressão política, bem como escassez de alimentos e remédios.

A preocupação de Eucarina com as filhas a fez fugir da desnutrição e da fome. Apesar disso, é interessante observar que a atitude do esposo de Eucarina de não sair da Venezuela como uma forma de não trair o seu país reforça a noção de uma cultura ou identidade nacional pura, como lembra Anderson (2008). Com um pensamento bem próximo, Hobsbawn e Ranger (1997) dizem que a cultura e a identidade nacional são amparadas por anacronismos históricos e tradições, as quais também podem ser vistas como invenções responsáveis por sustentar as narrativas de determinados grupos interessados em uma imagem de uma nação fechada dentro de um único circuito cultural.

Assim, a postura do esposo de Eucarina corrobora a forma como o presidente Nicolás Maduro tem repreendido os civis opositores, tendo em vista que

9. Nome fictício.

o governo tem demonstrado o uso excessivo da força em vários momentos. É importante destacar aqui que, desde 2017, o governo de Nicolás Maduro criou o programa social De Volta à Pátria, com a finalidade de atender aos venezuelanos que não conseguiram melhores oportunidades de vida nos países para onde emigraram. De acordo com o governo da Venezuela, acontece o contrário com muitos imigrantes que deixaram o país voluntariamente, tendo em vista que são agredidos, explorados e criminalizados (Castilho *et al.*, 2021).

Entre os diversos desafios que se impõem para o processo migratório venezuelano, o posicionamento político do Estado venezuelano é negar a emigração venezuelana e não reconhecer a crise migratória, adotando a postura de omitir os dados oficiais sobre a dinâmica (Ramírez, Linares e Useche, 2019). Esse posicionamento associa-se à situação de homens e mulheres de nacionalidade venezuelana no contexto das migrações contemporâneas. Nota-se, então, que no cenário da feminização das migrações, a maioria das mulheres venezuelanas pratica uma migração do desespero e se desloca até a capital de Roraima sem recursos suficientes para custear a viagem. Acosta Varón, Calderón e Ángelo (2019) compartilham que muitas mulheres, principalmente as que viajam sozinhas, são vítimas de distintos tipos de violências por parte de grupos armados ilegais, que controlam as *trochas*¹⁰ – caminhos ilegais existentes nas regiões de fronteira. Na fronteira da Venezuela com a Colômbia, por exemplo, é muito comum as imigrantes venezuelanas serem vítimas de violência sexual, assédio moral e roubo (Acosta Varón, Calderón e Ángelo, 2019).

No caso da fronteira entre o Brasil e a Venezuela, a prática da *trocha* passou a acontecer com mais frequência nos momentos em que essa fronteira ficou fechada. Moreira (2021) diz que a fronteira do Brasil com a Venezuela ficou fechada entre 13 de dezembro de 2016 e 6 de janeiro de 2017. Nicolás Maduro determinou esse fechamento com a justificativa de combater as máfias do contrabando e o atravessamento de bolívars por cambistas.

O governo da Venezuela também determinou outro fechamento entre as cidades de Santa Elena de Uairén (Venezuela) e Pacaraima (Brasil), correspondente ao período de 21 de fevereiro a 10 de maio de 2019 (Moreira, 2021). Entretanto, o relato, a seguir, da entrevistada Yocelin,¹¹ de 35 anos e natural da cidade de Tucupita, confirma que o impedimento da passagem entre a Venezuela e o Brasil não diminuiu a emigração de pessoas de nacionalidade venezuelana para Roraima.

10. Ainda de acordo com Acosta Varón, Calderón e Ángelo (2019), a *trocha* pode ser definida como uma vereda ou caminho estreito que serve de atalho para ir a algum lugar.

11. Nome fictício.

Cheguei em Roraima no início de 2019, período em que a fronteira estava fechada. Tive que cruzar a fronteira por *trocha*, de forma clandestina. Eu não tinha dinheiro e acabei tendo que dar o meu cabelo como pagamento para poder transitar pela *trocha*. Foi um deslocamento rápido, feito por uma moto em uma trilha que deu acesso à cidade de Pacaraima em aproximadamente vinte minutos. Só que foi muito perigoso porque estava chovendo bastante (...). A *trocha* que tive acesso para chegar até o Brasil era controlada por homens venezuelanos, que geralmente cobram em torno de R\$ 150,00 a R\$ 250,00 para fazer o deslocamento de moto. O deslocamento também pode ser feito a pé, que dura em torno de quarenta a cinquenta minutos e custa um valor menor. O problema é que o deslocamento a pé é ruim para quem tem bagagem (...). Tomei conhecimento que também tem a *trocha* controlada por brasileiros (entrevista concedida em 10 de outubro de 2021, tradução nossa).

Esse depoimento da venezuelana Yocelin é apenas um dos depoimentos de mulheres que relataram ter chegado ao Brasil por *trocha*. Ainda em relação a isso, Moreira (2021, p. 14) destaca em seu estudo que “foi aberta uma rota alternativa para os imigrantes, através da ‘trilha do Miang’, que é um acesso à cidade de Pacaraima que passa pelo bairro Suapi”. Santin (2021) lembra que todos(as) os(as) imigrantes venezuelanos(as) que estão no Brasil, até os(as) irregulares, podem ser documentados(as). Esse fator estimulou cada vez mais a entrada de venezuelanos(as) no Brasil, mesmo com o fechamento da fronteira.

Outra situação que merece ser mencionada é que aconteceu outro fechamento na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, motivado desta vez pelas medidas sanitárias para conter a pandemia de covid-19. O fechamento ocorreu de março de 2020 a fevereiro de 2022. É necessário ressaltar que, em junho de 2021, aconteceu uma flexibilização no lado brasileiro para as pessoas em vulnerabilidade. Já a parte da fronteira venezuelana seguiu fechada desde dezembro de 2020.

Diante desse quadro, é importante apresentar que a fronteira entre o Brasil e a Venezuela possui a extensão de 2.199 km, onde limitam os estados venezuelanos de Amazonas e Bolívar e os estados brasileiros de Roraima e Amazonas (Niño, 2020). Uma característica importante dessa região de fronteira é que por se encontrar na Amazônia, não possui muitos centros povoados.

No lado do Brasil, os fluxos de populações, bens e serviços se concentram, portanto, no município de Pacaraima, que faz fronteira com o município venezuelano de Santa Elena de Uairén, com uma distância de 20 km entre eles (Santos, 2018). Esse local é marcado pelos múltiplos movimentos migratórios, tornando-se, muitas vezes, lugar de passagem e não de residência dos(as) imigrantes venezuelanos(as). Na verdade, é especialmente na cidade de Boa Vista, capital de Roraima, a 200 km de Pacaraima, onde se concentra o maior número de imigrantes venezuelanos(as).

Como já foi ressaltado, entre os venezuelanos que cruzam a fronteira para o Brasil e chegam até Boa Vista, as mulheres aceitam o desafio de deixar a Venezuela na esperança de melhores condições de vida. No caso das mulheres entrevistadas, elas não falavam a língua portuguesa quando chegaram, e poucas conseguiram residência com mais facilidade em decorrência das redes sociais e migratórias formadas entre os(as) imigrantes residentes no Brasil e os familiares e amigos na Venezuela. Este foi o caso da venezuelana Rachel,¹² 41 anos, natural de Barcelona, residente em Boa Vista desde 2018.

Meu marido veio para Boa Vista sozinho, no final de 2017, e me deixou com nossos quatro filhos na Venezuela. Foi muito difícil para ele, que passou em torno de três meses morando na rua. Ele saiu da rua porque encontrou uns amigos da Venezuela, que já estavam com melhores condições financeiras aqui em Boa Vista, e convidaram ele para morar na casa que tinham alugado. Esses amigos emprestaram em torno de R\$ 2.500,00 para o meu marido. Com esse dinheiro, ele conseguiu se organizar e mandou dinheiro para mim por transferência bancária. Foi com esse dinheiro que paguei a despesa da viagem com meus filhos (...). Graças a Deus quando chegamos em Boa Vista não ficamos na rua. Meu marido já tinha conseguido um local, que alugou, para a gente morar (...). Depois disso, ficou mais fácil para apoiarmos nossos familiares e amigos que estavam na Venezuela e desejavam vir para cá. Já recebemos muitas pessoas aqui onde moramos e ficamos muito felizes quando essas pessoas conseguem melhorar de vida (entrevista concedida em 28 de setembro de 2021, tradução nossa).

Para Truzzi (2008), as redes em processos migratórios têm muitas funções, que vão desde o incentivo a migrar até o apoio, o acolhimento, a viabilização de trabalho e moradia, criando nexos e relações de reciprocidade entre os migrantes. Nazareth (2009) reforça que as redes servem de suporte e se constituem, muitas vezes, na família ampliada, proporcionando a sensação fundamental de pertencimento e servindo de embrião para o reconhecimento social na sociedade de destino.

Todas as mulheres imigrantes venezuelanas entrevistadas relataram experiências bem similares no momento do deslocamento até Boa Vista e no período em que passaram a morar e trabalhar na cidade. Elas falaram muito de trabalho, que não tinham tempo para conhecer Boa Vista. Algumas ainda não tinham visitado os principais pontos turísticos da cidade, que são a Praça das Águas e o Parque do Rio Branco. As que não ficavam em casa cuidando dos filhos, saíam muito cedo para trabalhar, voltando para casa muito tarde, já à noite, cansadas. Vale destacar uma entrevista, da venezuelana Elizabeth,¹³ de 37 anos, natural de Barinas, que exercia a função de faxineira e babá, morava no local de trabalho e ficava sem tempo para nada. Ela morou cerca de três anos com uma família de

12. Nome fictício.

13. Nome fictício.

brasileiros, precisamente de 2018 a 2021, relatou situações de discriminação por ser estrangeira no próprio local de trabalho, o que a motivou a retornar para a Venezuela, precisamente para Caracas, onde atualmente mora com uma família de venezuelanos e continua exercendo a função de faxineira e babá.

No geral, as mulheres imigrantes entrevistadas, nos seus depoimentos, viam sua imigração em Boa Vista como uma possibilidade de emprego, conquista de autonomia, direitos, sonhos e aquisição de bens. Elas demonstraram o desejo de retornar à Venezuela, e as que pretendem continuar no Brasil, em Boa Vista ou em outra cidade, afirmaram que vão juntar o máximo de dinheiro possível para comprar a casa própria. Outra característica comum entre elas é que enviam dinheiro com frequência para a família que ficou na Venezuela, sendo no geral pais, filhos e, em uma situação específica, o marido.

5 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA

Se a mulher imigrante resolve emigrar para outro país, certamente deixará para trás uma cultura herdada para encontrar outra. Mas, quando se defronta com um espaço que não ajudou a construir e/ou criar, cuja história ela desconhece, a memória lhe é estranha e da qual não faz parte, sente-se deslocada do lugar (Santos, 2002).

Diante disso, Póvoa (2010) menciona que um imigrante, independentemente do gênero, jamais se esquece da sua origem, da sua terra natal, da sua herança cultural. Emigre para onde for, a sua raiz ainda permanecerá no seio comunitário desses chegantes, de geração em geração, haja vista as concentrações de pessoas da mesma etnia, religião e origem em um mesmo lugar.

No processo migratório, é importante levar em conta a questão do tempo devido à possibilidade de remigração existir, como aconteceu com a entrevistada Elizabeth, uma vez que o parentesco cultural entre o lugar de origem e o lugar de destino pode ser significativo. O que podemos entender disso é que a sociologia histórica por possibilitar a pesquisa histórica na sociologia contribui com o entendimento da concepção de trajetória para este estudo. Conforme Bourdieu (2005), não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construídos os estados sucessivos de campo no qual ela se desenvolveu e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. Essa noção de trajetória sugerida por Bourdieu (2005) entende o(a) agente social inserido(a) em um espaço.

A reconstrução de trajetórias, mediante a história de vida de imigrantes venezuelanas, permite entender o pensamento de Tilly (1998) sobre a sociologia histórica. Para ele, a sociologia histórica possibilita análises sociológicas historicizadas, isto é, amparadas no tempo e no espaço. Na mesma linha de raciocínio,

Monsma, Salla e Teixeira (2018, p. 65) dizem que, a partir da década de 1980, a sociologia histórica “dialoga com abordagens enfatizando a construção social das identidades, as subjetividades e as representações coletivas, como a história oral, o feminismo ou os estudos pós-coloniais”.

O atual momento da imigração venezuelana no Brasil caracteriza-se pelos pressupostos da sociologia histórica. Por este motivo, este estudo entende a passagem física da migração de um lugar para outro como uma experiência migratória que continua por toda a vida da mulher imigrante e pelas gerações subsequentes.

Esse posicionamento chama a atenção para a ideia de que a sociologia histórica tem sido importante nas interpretações de processos de mudança social, ainda mais para aqueles de longa duração, além de ser importante na compreensão da continuidade social (Monsma, Salla e Teixeira, 2018). Evidentemente, a sociologia histórica das migrações¹⁴ está interessada nos processos pelos quais os(as) migrantes, individual ou coletivamente, se estabelecem em uma nova região ou país, e pelas maneiras em que redes de trabalho e estilos de vida do local de origem são recriados e modificados no local de destino.

Desse modo, a experiência de um grupo étnico particular no local de destino, como é o caso das mulheres venezuelanas em Boa Vista, é um elemento necessário para a sociologia histórica. Na perspectiva de Skocpol (2004), as mudanças no interior de comunidades étnicas estabelecidas e as relações de contestação à cultura dominante são frequentemente motivações para o registro e a promulgação de história da origem e da chegada de imigrantes.

Embora seja possível distinguir os processos de uma migração inicial das experiências contínuas de migrantes individuais e de comunidades migrantes, interpretar este fenômeno com o auxílio da sociologia histórica é reconhecer as complexas interconexões entre o processo migratório, bem como a formação e o desenvolvimento das comunidades migrantes e das identidades étnicas.

Para Jones (1981, p. 34), as formas de histórias de vida destacam “a complexidade do real processo da migração” e expõem como processos políticos e determinados padrões sociais repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades.

Tilly (1978) esclarece que é necessário destacar a distância e a ruptura para compreender um processo migratório. De acordo com ele, as relações sociais que marcam o passado “e os seus resíduos tinham condições de constranger as relações sociais futuras, por meio dos processos que gerariam conexões ao longo do tempo e em determinado lugar e tempo e afetam o próprio processo e a forma pela qual eles mesmos ocorrem” (Bosenbecker, 2017, p. 18).

14. Disponível em: <https://www.pggs.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/03/programa-sociologia-historica-das-migracoes.pdf>.

Nessa mesma linha de raciocínio, Tilly (1990) compartilha que a nova onda de migração não pode ser explicada apenas pelos fatores de atração e repulsão que fazem as pessoas migrarem. No caso das migrações de longa distância, quanto mais estabelecidas encontram-se as redes, mais chances tem o migrante no local de destino. Dessa forma, as redes sociais (Truzzi, 2008) tornam-se um recurso importante na migração, visto que constituem o capital social que auxilia pessoas com poucos recursos, pouca experiência profissional e baixo nível de escolaridade na migração de longa distância.

Sayad (1998) chama a atenção para os diferentes espaços que o processo migratório comporta, considerando que a migração não se circunscreve apenas ao espaço físico, embora este seja o mais visível. Esse espaço é constituído pelas relações sociais que os homens mantêm entre si e com a natureza, por este motivo é qualificado aos planos social, econômico, político, cultural, entre outros.

A constatação da existência desses vários espaços qualificados permite uma aproximação com a sociologia histórica, que se preocupa com as estruturas sociais e os processos situados no tempo e no espaço. Refletindo sobre essas contribuições, Skocpol (2004) considera que a sociologia histórica não afasta de seus propósitos a compreensão das consequências das vidas individuais e das transformações sociais em cada local, percebendo os diversos ritmos que circundam as escolhas no passado, escolhas que criam, limitam e movimentam as possibilidades de mudança.

Partindo desse ponto de vista, Sayad (1998) considera que a análise da imigração implica pensar a sociedade como um todo, não só em sua dimensão diacrônica, em uma perspectiva histórica, mas também em sua extensão sincrônica, levando em conta o funcionamento das estruturas sociais. Conforme o mesmo autor, na análise da imigração, o ponto de partida deve ser constituído pelo estudo da emigração, isto é, o estudo das condições sociais que a produziram e das transformações destas mesmas condições que vão resultar nas transformações da emigração. Na sequência, viria o estudo das condições de existência na imigração, permitindo incorporar à análise os novos espaços trilhados pelo imigrante na sociedade que o acolheu e as mudanças decorrentes dessa inserção.

Essas reflexões de Sayad (1998) são pertinentes para o reconhecimento de que não é mais possível falar da imigração venezuelana em Boa Vista como um fenômeno vivenciado apenas por homens. Hoje, as mulheres, embora ainda não sejam a maioria, são sujeitos ativos no processo migratório. Neste caso, a sociologia histórica e a metodologia da história oral foram de fundamental relevância para apreender a multiplicidade das vivências femininas. Foi possível observar na história de vida das mulheres venezuelanas que a imigração feminina possui particularidades e acontece em contextos diferentes da perspectiva masculina.

“Os constituintes sociais de gênero, como papéis, deveres, proibições, aprovações, dentre outros aspectos que estão presentes no universo feminino”, contribuíram para que este estudo entendesse melhor as experiências migratórias das mulheres participantes da pesquisa (Martins, 2014, p. 100). Por esse motivo, é fundamental trazer para a compreensão dessas experiências migratórias o enfoque voltado para a conexão entre Boa Vista e a Venezuela, que será exposto na próxima seção.

6 A CONEXÃO ENTRE BOA VISTA E A VENEZUELA

Antes de 2015, Pacaraima e Boa Vista eram destinos pouco atrativos para os(as) venezuelanos(as), principalmente pelas barreiras linguísticas e pelas poucas oportunidades de emprego no estado de Roraima (Niño, 2020). Historicamente, a dinâmica migratória desta região foi dominada pela ida de brasileiros para a Venezuela (Silva, 2017).

Apesar de este estudo não ter números precisos sobre o atual quantitativo de venezuelanos(as) em Roraima, nem no Brasil, recorremos a um dado importante fornecido pela Casa Civil da Presidência da República,¹⁵ em que é exposto que, entre 2015 e 2018, mais de 75 mil venezuelanos(as) pediram para regularizar a documentação em Roraima. Neste estudo, portanto, consideramos este número de 75 mil como referência sobre o quantitativo de venezuelanos(as) residentes em Roraima.

É importante assinalar que não obtivemos o quantitativo de variáveis de gênero correspondente ao número de imigrantes venezuelanos(as) em Roraima. O que leva este estudo a reforçar uma informação de Cavalcanti, Oliveira e Araújo (2016): a imigração de venezuelanos(as) em Roraima segue o padrão das migrações internacionais para o Brasil, sendo majoritariamente masculina e com idade laboral. Diante desse quadro, a preocupação do estado de Roraima e também do governo federal brasileiro é disponibilizar empregos e documentação para essas pessoas (Simões *et al.*, 2017).

No entanto, Roraima e sua capital Boa Vista apresentam várias problemáticas econômicas e sociais, como pobreza, as maiores taxas de violência contra as mulheres e o menor PIB do Brasil, com o valor de R\$ 14.292 milhões em 2019, representando 0,2% da economia nacional.¹⁶ Mesmo com esses números não atrativos, a saída de pessoas da Venezuela para Boa Vista, como já foi exposto, relaciona-se com a fuga da crise na Venezuela. “Entende-se, então, que a crise é socialmente construída no local de origem da migração” (Rosa, 2020, p. 37). Ao mesmo tempo, a migração no país de destino, que no caso deste estudo

15. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2018/setembro/policia-federal-atualizados-sobre-migracao-de-venezuelanos>.

16. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/explica/PIB.php](https://www.ibge.gov.br/explica/ PIB.php). Acesso em: 30 jun. 2022.

é representado pela cidade de Boa Vista, “acaba revelando também a crise na sociedade receptora despreparada para lidar com a situação” (Rosa, 2020, p. 37).

Silva (2021, p. 17) também compartilha do mesmo pensamento de Rosa (2020) quando diz que “a crise serve tanto para explicar a situação do país de origem quanto a do país de acolhida”. Aproveitamos o momento para destacar que a ideia de mobilidade migratória motivada pela crise no país de origem pode ser usada pela sociedade de destino para negar os direitos e discriminar os(as) imigrantes. Sobre isso, temos o relato da venezuelana Johanny,¹⁷ 47 anos, que antes de chegar a Boa Vista, em 2019, morava em Trujillo.

Uma coisa que não gosto aqui em Boa Vista é que o termo *veneca* é bastante usado pelos brasileiros para se referirem aos venezuelanos, sejam homens ou mulheres. Só que para nós, venezuelanos, esse termo *veneca* é algo como pejorativo, já que na Venezuela a palavra *veneca* é destinada às pessoas venezuelanas que possuem alguma descendência dos colombianos (...). Eu não sou veneca. Eu sou venezuelana. Por este motivo, gostaria de ter a minha nacionalidade respeitada aqui no Brasil (entrevista concedida em 17 de outubro de 2021, tradução nossa).

O relato de Johanny, que teve bastante emoção, tendo em vista que ela chorava enquanto falava, só reforça que o racismo está presente no contexto da imigração venezuelana em Boa Vista. Na verdade, todas as mulheres entrevistadas relataram alguma situação de discriminação contra o(a) imigrante venezuelano(a) em situações vivenciadas por elas ou por pessoas conhecidas.

Ainda em relação ao racismo contra o(a) imigrante, ficou claro, nas narrativas, que as mulheres venezuelanas sofrem mais que os homens venezuelanos em decorrência de serem associadas ao ramo da prostituição. Mesmo as mulheres venezuelanas que não atuam neste ramo são chamadas de “ochentas” pelos brasileiros. Explicando melhor, as venezuelanas que acabam em situação vulnerável de prostituição cobram em torno de R\$ 80 por programa para sobreviver, o que contribui para serem chamadas de “ochentas”. Esse contexto favorece a existência de conflitos entre os próprios imigrantes venezuelanos (homens e mulheres), principalmente no caso daquelas pessoas que não aprovam a ligação de mulheres venezuelanas com a prostituição, como é mencionado no depoimento da venezuelana Evelin,¹⁸ 34 anos, natural de Caracas, que vive em Boa Vista desde 2016.

Geralmente, quando ando pela rua de bicicleta, a caminho do meu trabalho, sou abordada por homens brasileiros que perguntam quanto é o programa. Nas primeiras vezes, quando fui abordada, não entendia. Eu pensava que eles queriam saber quanto era o valor da faxina. Como eu não trabalho com faxina, eu dizia que não trabalhava com isso (...). Depois eu soube que muitas mulheres venezuelanas

17. Nome fictício.

18. Nome fictício.

se prostituem em troca de dinheiro. Eu acho isso muito ruim porque prejudica a imagem das mulheres que não trabalham com isso. Nós estamos em outro país. Acredito que há muitas formas de ganhar dinheiro honestamente. Eu não aprovo a atitude das mulheres venezuelanas que preferem se prostituir ao invés de trabalhar com outra coisa (entrevista concedida em 15 de setembro de 2021, tradução nossa).

Outro fato relevante, diante do contexto de racismo contra os(as) imigrantes venezuelanos(as) apresentado anteriormente, é que a cidade de Boa Vista e todas as demais cidades do estado de Roraima são marcadas por uma precariedade em seus serviços públicos, ofertados à população local. Como as pessoas de nacionalidade venezuelana também passaram a usar os mesmos serviços públicos que os brasileiros, sobretudo em saúde e educação, acabaram despertando um discurso protecionista, xenofóbico, estigmatizado, negando espaço para o diferente (Silva, 2021; Goffman, 1988).

Nessa perspectiva, a história do estado de Roraima mostra que os roraimenses brancos, muitos descendentes de nordestinos, também adotam uma postura discriminatória contra os povos indígenas de Roraima, caracterizando-os como invasores por conta das terras indígenas, que segundo a legislação brasileira são tradicionalmente ocupadas por povos indígenas do Brasil (Sartori Junior, 2016).

Antes da chegada em massa dos(as) venezuelanos(as) em Roraima, essa postura discriminatória dos roraimenses também existiu contra os maranhenses, que, desde a década de 1980, passaram a chegar em grande número nas cidades roraimenses, especialmente em Boa Vista, motivados pelos projetos de assentamento e colonização agrícola, pela descoberta de novas áreas de garimpo de ouro, pelas oportunidades dos concursos públicos, entre outros motivos que evidenciam o aspecto econômico como principal motivação para migrar para Roraima (Rost e Rodrigues, 2008; Vale, 2007). Consequentemente, Silva (2021) considera que a chegada dos(as) venezuelanos(as) em Roraima motiva a identificação de um novo inimigo para os brancos e fazendeiros da região, que é o estrangeiro, como bem pontua Sayad (1998).

Foi nesse contexto, em 2018, que o governo federal brasileiro, com o protagonismo do Exército Brasileiro, deflagrou a Operação Acolhida, em vigor até o momento, com a finalidade de minimizar para Roraima as consequências negativas do processo migratório venezuelano, sobretudo no sistema de saúde, que entrou em colapso (Ferreira, 2021).

Segundo Moreira (2021), a Operação Acolhida tem como objetivo principal prestar assistência humanitária aos(as) imigrantes venezuelanos(as) que chegaram ao estado de Roraima pela fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Além disso, a autora reforça que a Operação Acolhida também tem como objetivo a

interiorização desses(as) imigrantes para outros estados brasileiros, bem como a construção de abrigos.

Ao analisar a Operação Acolhida, este estudo revela que somente três entrevistadas mantiveram o interesse por esse instrumento de ação do Estado brasileiro. Entretanto, todas elas reconheceram uma vantagem de permanecer em Boa Vista, que é a facilidade de se deslocar até a Venezuela. Assim, essas mulheres podem visitar com mais frequência familiares que permanecem lá, e depois retornar para o Brasil, tendo em vista que a área de fronteira entre os dois países funciona como espaço de trânsito para elas.

Quando questionadas sobre os vínculos com os familiares, principalmente os filhos e os pais, que se encontram na Venezuela, todas as mulheres entrevistadas afirmaram que sentem a obrigação de ajudá-los com dinheiro. Geralmente, o envio da remessa é feito mensalmente por transferência bancária, principalmente com a finalidade de os familiares comprarem comida. As imigrantes venezuelanas recorrem a pessoas brasileiras ou venezuelanas que trabalham com transferência bancária. Esta, inclusive, tem sido uma nova atividade profissional que passou a existir em Roraima, sobretudo em Boa Vista e Pacaraima.

Outra informação importante é que os locais aos quais as venezuelanas recorrem para a transferência em Boa Vista aparentemente são destinados a outra função. Por exemplo, há uma loja que conserta celulares, de um brasileiro, que disponibiliza o serviço de transferência bancária. Nas idas a campo, também foi identificado um venezuelano que vende produtos da Venezuela no local em que mora – como *queijo venezolano*; *harina pan*, farinha de milho usada para fazer a arepa, uma das principais comidas venezuelanas; e *rikesa*, um tipo específico de queijo, sendo semelhante ao queijo *cheddar* aqui no Brasil – que também faz transferência bancária em troca de algum pagamento pelo serviço.

É evidente, para as imigrantes venezuelanas, que o envio de dinheiro para os familiares na Venezuela representa uma ação que reproduz o elo da família transnacional. Podemos observar que, para Bryceson e Vuorela (2002), as famílias transnacionais correspondem aos membros que vivem em parte ou na maior parte do tempo separados uns dos outros. Apesar disso, quando eles(as) atravessam as fronteiras nacionais criam algum tipo de sentimento de bem-estar coletivo.

Os laços de comunicação permanentes por telefone com familiares na Venezuela, por meio das plataformas Whatsapp e Zoom, ou pela internet, por meio do Facebook e do Instagram, são ações que também reproduzem os princípios da família transnacional. Acontece que estes recursos de comunicação motivam as imigrantes venezuelanas a preservar os laços com membros da família que permanecem na Venezuela.

Nesse sentido, este estudo constatou que seis mulheres entrevistadas deixaram um ou mais filhos na Venezuela aos cuidados de familiares com o objetivo de incluí-los no projeto migratório futuramente, caso permaneçam no Brasil e obtenham melhores condições financeiras. Esse objetivo é fundamental para entendermos que a mulher imigrante é referência para reunir toda a família, mesmo que demore muitos anos para isso acontecer.

Sendo assim, é possível considerar que a conexão entre Boa Vista e a Venezuela, mediante a imigração feminina, é marcada pelo envio de remessas. Isso indica que as mulheres venezuelanas, residentes em Boa Vista, estão em idade produtiva, característica que as relaciona com a necessidade de garantir a sobrevivência dos familiares que continuam na Venezuela e dos que estão com elas no Brasil.

Desse modo, as mulheres venezuelanas, interlocutoras deste estudo, apresentam uma perspectiva de futuro melhor e de recuperar, com a migração internacional, os sonhos que tinham antes da crise na Venezuela. Cumpre destacar que as suas histórias precisam ser compreendidas e acolhidas pela sociedade roraimense. Elas precisam de inserção social em virtude do papel fundamental que exercem como ser humano, nas sociedades de origem e de destino, que é ser mulher.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou algumas trajetórias femininas no processo migratório de venezuelanas para o Brasil, precisamente para a cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima. Esse processo migratório iniciou-se em 2015 e continua até os dias de hoje. Apesar de dados imprecisos sobre o quantitativo de imigrantes venezuelanos em Roraima, Cavalcante Neto, Oliveira e Egry (2023) expõem que a população imigrante venezuelana é composta por 57% de homens, adultos jovens, na faixa etária de 20 a 39 anos. Ainda segundo os autores, a renda média de 71% dos venezuelanos, em Boa Vista, não ultrapassa um salário mínimo e meio, o que corresponde a aproximadamente US\$ 193.

Apesar desses números, a dinâmica migratória das mulheres venezuelanas em Boa Vista tem muito a contribuir no combate ao racismo contra o migrante internacional em todo o estado de Roraima. Tudo indica que, na conjuntura de crise na Venezuela e no Brasil, a cultura migratória redefine as práticas, os estilos de vida e as visões de mundo, que atingem, sobretudo, as mulheres. É neste contexto que as mulheres venezuelanas que não emigram são vistas por suas conterrâneas imigrantes como pessoas que, provavelmente, não conseguirão ascender socialmente.

Com isso, o breve recorte desta pesquisa, que compreende o período de 2015 a 2021, apresenta um quadro de permanente emigração de mulheres venezuelanas para Boa Vista. No entanto, este estudo é marcado por limitações em suas reflexões, principalmente nos vínculos econômicos com a Venezuela. Mesmo assim, os resultados apresentados poderão contribuir com futuras análises sobre a dinâmica migratória venezuelana em Boa Vista, em várias áreas do conhecimento.

Desse ponto de vista, quando relacionados com o levantamento da imigração venezuelana em outras cidades brasileiras, tomando como base o que é proposto pela Operação Acolhida, os dados correspondentes à realidade de Boa Vista poderão ser fundamentais para o estudo da trajetória migratória das venezuelanas no Brasil. A percepção das entrevistadas parece caminhar nessa direção. Suas trajetórias migratórias são marcadas por incertezas, como foi citado por todas elas. Diante disso, a condição de imigrantes que elas possuem é algo crucial no contexto amazônico brasileiro, que tem o desafio de enfrentar questões globais e locais, como os empregos informais ou subempregos. Em sua maioria, essas mulheres submetem-se a condições de trabalho insalubres, com salários inferiores aos dos homens e mulheres de nacionalidade brasileira.

A maior visibilidade das mulheres venezuelanas nessa migração internacional recente do povo venezuelano em Roraima contribui para problematizar as visões sobre a inserção de homens e mulheres migrantes nos processos migratórios. O gênero se torna um princípio classificatório, que marca a trajetória das mulheres venezuelanas por evidenciar “as estratégias migratórias e a construção das redes sociais e modos de inserção no mercado de trabalho” (Padilla *et al.*, 2020, p. 21).

É importante também destacar que este estudo evidencia a necessidade de políticas migratórias que possam incorporar as dimensões de gênero, para minimizar as desigualdades às quais as mulheres migrantes internacionais estão submetidas, tanto no país de nascimento quanto no de acolhimento.

REFERÊNCIAS

- ACNUR parabeniza Brasil por reconhecer milhares de venezuelanos como refugiados. **ACNUR Brasil**, 6 dez. 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/acnur-parabeniza-brasil-por-reconhecer-milhares-de-venezuelanos-como>. Acesso em: 6 maio 2022.
- ACOSTA VARÓN, L. S.; CALDERÓN, C. E. Á.; ÁNGELO, P. **La crisis venezolana: impactos y desafíos**. Bogotá: Fundación Konrad Adenauer, 2019.
- ALBERTI, V. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSIS, G. O. de. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, 2007.

BATLIWALA, S. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. *In*: LEÓN, M. **Poder y empoderamiento das mujeres**. Santa Fe de Bogotá: TM Editores, 1997. p. 187-211.

BOSENBECKER, P. **Três gerações de empreendedorismo**: capital e laços sociais entre Brasil e Alemanha a partir do estudo de caso da família Rheingantz. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, M. M. de; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 183-191.

BRYCESON, D.; VUORELA, U. **The transnational family**: new European frontiers and global networks (cross-cultural perspectives on women). Oxford: Routledge, 2002.

BRZOZOWSKI, J. Migração internacional e desenvolvimento econômico. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 75, p. 137-156, 2012.

CANELLA, Francisco. Trajetórias de vida de mulheres migrantes e a luta por moradia: a ocupação do contestado (2012-2025). *In*: ASSIS, G. de O.; PADILLA, B.; FRANÇA, T. (Org.). **Gênero e mobilidades no tempo presente**. Ponta Grossa: Todapalavra Editora, 2020. p. 161-186.

CARUSO, G.; CANON, C. G.; MUELLER, V. Spillover effects of the Venezuelan crisis: migration impacts in Colombia. **Oxford Economic Papers**, v. 73, n. 2, p. 771-795, 2021.

CASTILHO, G. *et al.* Vuelta a la pátria em tempos desesperados: imaginários sociales en torno a los retornados a Petare-Venezuela en época de pandemia. **Revista Latinoamericana de Derechos Humanos**, v. 32, n. 2, p. 117-138, 2021.

CAVALCANTE NETO, A. S.; OLIVEIRA, M. A. de C.; EGRY, E. Y. Vulnerabilidade de imigrantes venezuelanos residentes em Boa Vista, Roraima. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 57, 2023.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; ARAÚJO, D. **Relatório Anual 2016**: a inserção dos migrantes no mercado de trabalho brasileiro. Brasília: Observatório das Migrações, 2016.

CORTAZZI, M. **Narrative analysis**. Washington: Falmer Press, 1993.

DORNELAS, P. D. **Tanto por ser mulher, quanto por ser estrangeira: lutas por reconhecimento e formas de resistência de mulheres migrantes no Brasil.** 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2020.

FERREIRA, A. L. M. **Operação Acolhida: a garantia do direito humanitário à saúde em tempos de pandemia de covid-19.** 2021. Dissertação (Trabalho de conclusão de curso) – Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares, Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2021.

FREITEZ, A. La emigración desde Venezuela en la última década. **Temas Coyunturales**, n. 63, p. 11-38, 2011.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro, 1988.

GÓIS, P.; SILVA, J. C. J. Apresentação ao dossiê. República Bolivariana da Venezuela: uma sociedade em debandada, um regime político em negação, um continente inteiro sob pressão migratória. As migrações como consequência da geopolítica global no século XXI. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 13, n. 26, 2021.

GUEST, P. The determinants of female migration from a multilevel perspective. **Internal migration of women in developing countries.** New York: United Nations, 1993.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JONES, M. Welsh immigrants in the cities of North West England, 1890-1930: some oral testimony. **Oral History Journal**, v. 9, n. 2, 1981.

LEGLER, T.; SERBIN PONT, A.; GARELLI RÍOS, O. Introducción: la naturaleza compleja y multidimensional de la crisis venezolana. **Pensamiento Propio**, v. 47, 2018.

LISBOA, T. K. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 805-821, 2007.

MARINUCCI, R. Feminization of migration? **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 15, n. 29, 2007.

MARTINS, J. M. F. **Marias trabalhadoras e migrantes.** 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2014.

MAZUERA-ARIAS, R. *et al.* Sociodemographic profiles and the causes of regular Venezuelan emigration. **International Migration**, v. 58, n. 5, p. 164-182, 2020.

MONSMA, K.; SALLA, F. A.; TEIXEIRA, A. A sociologia histórica: rumos e diálogos atuais. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p. 65-87, 2018.

MOREIRA, P. **Imigração Venezuela-Roraima**: evolução, impactos e perspectivas. Brasília: Ipea, 2021.

NAZARETH, J. **Trabalho, família e redes sociais**: transformações e permanências das relações de gênero no contexto da migração feminina. Projeto apresentado no exame de qualificação, como requisito para concorrer ao título de doutora em psicossociologia. Programa EICOS. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

NIÑO, E. A. L. Migração, cidades e fronteiras: a migração venezuelana nas cidades fronteiriças do Brasil e da Colômbia. **Espaço Aberto**, v. 10, n. 1, p. 51-67, 2020.

NÓBREGA, D. G. de F. **Feminização das migrações e violência contra as mulheres em Roraima**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Roraima, 2021.

NOVELLINO, M. S. F. Os estudos sobre feminização da pobreza e políticas públicas para mulheres. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14., 2004, Caxambu, Minas Gerais. **Anais...** Caxambu: Abep, 2004.

PÁEZ, T. **La voz de la diáspora venezolana**. Madrid: La Catarata, 2015.

PÁEZ, T.; PENALVER, L. V. **The Venezuelan diaspora, another impending crisis?** [s.l.]: Freedom House, 2017.

PEDROSO, C. S. Petróleo e poder: a crise venezuelana e seus elementos históricos. **Textos e Debates**, n. 34, p. 9-22, 2020.

PERES, R. G.; BAENINGER, R. Espaços migratórios na fronteira: imigração boliviana e gênero. *In*: CONGRESSO PARAGUAIO DE POPULAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PARAGUAIA DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO, 14, 2011, Paraguai. **Anais...** Assunção: ANPUR, 2011.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PÓVOA, C. A. **A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo**. São Paulo: Humanitas, 2010.

RAMÍREZ, J.; LINARES, Y.; USECHE, E. (Geo)políticas migratorias, inserción laboral y xenofobia: migrantes venezolanos en Ecuador. *In*: BLOUIN, C. (Org.). **Después de la llegada**: realidades de la migración venezolana. Lima: Themis-PUCP, 2019. Disponível em: http://www.catedrajorgedurand.udg.mx/sites/default/files/venezolanos_en_ecuador.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

ROSA, M. M. **A mobilidade de Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito**: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

ROST, C. R.; RODRIGUES, F. dos S. **Fazendo gênero na fronteira**: migração de venezuelanas e guianenses na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. Porto Seguro: RBA, 2008.

SANTIN, T. L. A dor se transforma em solidariedade: a pastoral do migrante em Roraima. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 29, n. 63, p. 233-237, dez. 2021.

SANTOS, A. R. **Interação social e estigma na fronteira Brasil/Venezuela**: um olhar sociológico sobre a migração de brasileiros e venezuelanos. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2018.

_____. Estratégias de inserção das imigrantes venezuelanas no contexto urbano de Boa Vista/RR. In: FERREIRA, E. M. **Gênero e sexualidade**: lugares, história e condições. Ponta Grossa: Atena, 2022. p. 176-189.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Edusp, 2002.

SARTORI JUNIOR, D. Colonialidade e o marco temporal da ocupação de terras indígenas: uma crítica à posição do Supremo Tribunal Federal. **Revista Latino-Americana de Direitos Humanos**, v. 7, n. 1, p. 88-100, 2016.

SASSEN, S. **Contrageografias de la globalización**: gênero e cidadania nos circuitos fronteiriços. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHWINN, S.; PORTELA, Ê. de A. O Brasil e a imigração venezuelana: a (des)organização da política migratória brasileira. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 7, 2018, Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande: FURG, 2018.

SEQUÍN, L. Z. **Dolarización y desdolarización ¿un dilema en Venezuela?** Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 2022. (Notas sobre la Economía Venezolana, n. 16).

SERTÓRIO, L. B.; SANTOS, M. de O. Relações entre trabalho, educação, gênero e migração. In: SEMINÁRIO DO TRABALHO, EDUCAÇÃO E SOCIABILIDADE, 7, 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Unesp, 2010.

SILVA, F. D. R. da. **Eu tive que sair**: a história de refugiados venezuelanos em Fortaleza. 2020. Dissertação (Trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2020.

SILVA, J. C. J. Migração forçada de venezuelanos pela fronteira norte do Brasil. *In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANPOCS)*, 41, 2017. Minas Gerais. **Anais...** Minas Gerais: ANPOCS, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/34935378/Migra%C3%A7%C3%A3o_for%C3%A7ada_de_venezuelanos_pela_frenteira_norte_do_Brasil.

SILVA, J. de C. e. **Llegar, estar y salir**: da Venezuela ao Brasil. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SILVA, M. A. M. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. *In: HEIDEMANN, H. D.; SILVA, S. A. da (Org.). Coletânea de textos do Simpósio Internacional Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais*. São Paulo: Humanitas, 1999.

SILVA, S. A. da. Migrantes na cidade de Manaus: processos de inserção na metrópole e mudanças socioculturais. *In: _____ (Org.). Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus: EDUA, 2010.

SIMÕES, G. F. *et al.* **Resumo executivo**: perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil. Brasília: CNIg, 2017.

SKOCPOL, T. A imaginação histórica da sociologia. **Estudos de Sociologia**, v. 9, n. 16, p. 7-29, 2004.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TILLY, C. Migration in Modern European History. *In: MCNEILL, W. H.; ADAMS, R. S. (Org.). Human migration, patterns and policies*. Indiana: Indiana University Press, 1978. p. 48-72.

_____. Transplanted networks. *In: YANS-MCLAUGHLIN, V. (Ed.). Immigration Reconsidered*. New York: Oxford University Press, 1990. p. 79-95.

_____. **Durable inequality**. Berkeley: University of California Press, 1998.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

VALE, A. L. F. **Migração e territorialização**: as dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR. 2007. 268 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2007.